



RESENHA

Repensar a modernidade: o debate em torno da arte, do tempo e da política em Jacques Rancière*Rethinking modernity: the debate around art, time and politics in Jacques Rancière**Repensar la modernidad: el debate en torno al arte, el tiempo y la política en Jacques Rancière***Iago Porfírio¹**[0000-0003-1902-1891](https://orcid.org/0000-0003-1902-1891)iagoporfiriojor@gmail.com**Recebido em:** 26 abr. 2022.**Aprovado em:** 2 maio 2022.**Publicado em:** 5 set. 2022.

Resumo: Em *Tempos modernos: arte, tempo, política*, o filósofo francês Jacques Rancière (2021) fornece elementos para se pensar a constituição das grandes narrativas no processo histórico, colocando sob suspeita a oposição entre passado e futuro, mas também para se pensar as condições de possibilidades das temporalidades na instauração de novos regimes e de perturbações do sensível, com ênfase para o cinema. A reflexão de Rancière provoca repensar a relação entre arte, tempo e política e os conflitos que são expostos com o tratamento de diferentes temporalidades, por assim dizer, e a rever a modernidade e a distribuição hierárquica dos tempos e das formas de vida nas grandes narrativas, sobretudo no cinema.

Palavras-chave: Modernidade. Temporalidades. Arte. Política. Cinema.

Abstract: In *Modern Times: art, time, politics*, the french philosopher Jacques Rancière (2021) provides elements to think about the constitution of great narratives in the historical process, putting under suspicion the past and future opposition, but also to think about the conditions of possibilities of the temporalities in the establishment of new regimes and disturbances of the sensitive, with an emphasis on cinema. Rancière's reflection provokes a rethinking of the relationship between art, time and politics and the conflicts that are exposed with the treatment of different temporalities, so to speak, and a review of modernity and the hierarchical distribution of times and forms of life in the great narratives, especially in cinema.

Keywords: Modernity. Temporalities. Art. Policy. Movie theater.

Resumen: En *Tiempos modernos: arte, tiempo, política*, el filósofo francés Jacques Rancière (2021) plantea elementos para pensar la constitución de grandes narrativas en el proceso histórico, poniendo bajo sospecha la oposición pasado y futuro, pero también para pensar las condiciones de posibilidades de las temporalidades en el establecimiento de nuevos regímenes y perturbaciones de lo sensible, con énfasis en el cine. La reflexión de Rancière provoca un replanteamiento de la relación entre arte, tiempo y política y los conflictos que se exponen con el tratamiento de las diferentes temporalidades, por así decirlo, y una revisión de la modernidad y la distribución jerárquica de tiempos y formas de vida en las grandes narrativas, especialmente en el cine.

Palabras clave: Modernidad. Temporalidades. Arte. Política. Cine.



¹ Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, Brasil.

O artifício do cinema atribui um lugar de privilégio no espaço e no tempo, que vai das condições das formas de visibilidade à coexistência de temporalidades que se transformam em singularidades de um mundo sensível, mais além do que as imagens conseguem reter. É, efetivamente, o entrelaçar dos conflitos de temporalidades que corresponde a uma necessidade de emancipar o próprio tempo junto aos discursos das modernidades, e que, por assim dizer, permite-nos pensar o tempo da política e da arte, e os modos variados de agenciamentos das temporalidades no cinema, gerando produções que procuram responder às questões do presente e às "exigências do futuro".

Em *Tempos modernos: arte, tempo, política*, o filósofo francês Jacques Rancière (2021) provoca uma reflexão quanto ao tempo da política que atravessa o cinema e as imagens, suprimido pela retórica da montagem ou pelo debate do fim das grandes narrativas no campo das artes de modo geral. O livro divide-se em quatro partes que compõem ensaios resultantes de conferências que o autor proferiu em diversos países da ex-Iugoslávia, como Escócia, Novi Sad, Sarajevo e Zagreb, sendo este último o país onde foi publicada a versão original do livro, sob o título *Modern Times: Essays on Temporality in Art and Politics*, 2017. Traduzido em 2018 na França por Eric Hazan e, em 2021, no Brasil, por Pedro Taam, o autor se procurou manter fiel aos escritos originais, ainda que com algumas reformulações reescritas na tradução do inglês para o francês. De todo modo, Rancière (2021) fornece elementos para se pensar a constituição das grandes narrativas no processo histórico, colocando sob suspeita a oposição passado e futuro, mas também para pensar as condições de possibilidades das temporalidades na instauração de novos regimes e de perturbações do sensível, com ênfase para o cinema.

A primeira parte do livro, "Tempo, narrativa e política", concentra-se na lógica do "fim das grandes narrativas", sobretudo como a crítica marxiana e a crítica do marxismo da dramaturgia inseriram o tempo em categorias como o

princípio de realidade e racionalidade e como ator para restituir uma certa justiça, o que, conseqüentemente, são maneiras de remeter a uma "racionalidade ficcional", por assim dizer. Por essa razão, o autor compreende que, no limiar das margens do real ou em qualquer produção do senso de realidade, a ficção se faz presente. A ficção, então, escapa a uma operação inventiva de seres imaginários, mas se estrutura em uma racionalidade a partir da qual "sujeitos, coisas e situações são percebidos como pertencentes a um mundo comum", em acontecimentos que se conectam a outros em termos de sucessão e causalidade (RANCIÈRE, 2021, p. 14). É essa racionalidade da ficção que se impõe à justiça do tempo, à medida que criam condições para uma certa tomada de consciência dos sujeitos que experenciam o encadeamento de situações que se reviram.

Em primeiro lugar, o que está em jogo nesse debate, que o autor sustenta a partir das argumentações aristotélicas para repensar a relação entre tempo e justiça, é o desaparecimento de uma certa temporalidade, na operação do "modelo de um tempo movido por um processo de desvelamento de uma realidade e por uma promessa de justiça" (RANCIÈRE, 2021, p. 16). Por conseguinte, temos um tempo despojado de seu "conteúdo imanente", por narrativas rudimentares que se valem da presentificação para colocar em relação os desdobramentos imediatos com o próprio tempo, ou seja, um tempo "pós-histórico" que se caracteriza pelo "reinado absoluto do presente" nutrido pelo fardo do passado e pelas promessas do futuro. Assim, como advoga Rancière (2021, p. 18), o tempo não é somente uma tensão entre passado e futuro, mas também "uma distribuição hierárquica das formas de vida". Essa racionalidade separa, com efeito, duas formas de vida e de ser no tempo: "a maneira dos que têm tempo e a dos que não têm" (RANCIÈRE, 2021, p. 21), para este último, tem-se como exemplo a jornada de trabalho processo capitalista e a repetição cotidiana dos gestos.

É justamente, em segundo lugar, o debate acerca da "dupla natureza do tempo", que está no

âmago dessa primeira parte do livro, que trata dos momentos e hierarquia de como o tempo é ocupado. Para o autor, as narrativas da modernidade, incluindo aí, o cinema e a literatura, se estruturam também em uma dupla distribuição do tempo, ao anularem a "oposição da racionalidade ficcional à pura empiria dos fatos sucessivos da história" e ao aplicarem a esses fatos históricos o modelo de causalidade de Aristóteles quanto à invenção ficcional. Nesse sentido, como assinala Rancière (2021), essas narrativas "dispensaram a hierarquia das temporalidades", uma vez que o tempo dos acontecimentos foi submetido a uma ordem racional de causas e efeitos. No sentido lato desse modelo, "a História se tornava a narrativa de uma conjunção positiva entre o desenvolvimento do tempo, a produção do saber e a possibilidade de uma justiça" (RANCIÈRE, 2021, p. 23).

O autor termina essa primeira parte chamando atenção para a necessidade de trabalhar com as formas de emancipação trabalhadora e intelectual, para pensar fundamentalmente o tempo "como forma de vida". Uma emancipação que parte da "diferença conhecida e mantida entre as duas relações, o ato de uma inteligência que não obedece senão a ela mesma, ainda que a vontade obedeça a uma outra vontade" (RANCIÈRE, 2011a, p. 32). A partilha hierárquica do tempo, para Rancière (2021), não submete os que têm tempo e os que não o têm, a "um trabalho explorado" e, também, "lhes dá um corpo e uma alma, uma maneira de ser no tempo e no espaço, de mover os braços e as pernas, de olhar, de falar e de pensar adaptados a essa determinação" (RANCIÈRE, 2021, p. 35). Trata-se, assim, do tempo da emancipação, individual e coletiva, pois, a "emancipação exige viver em vários tempos, ao mesmo tempo" (RANCIÈRE, 2011, p. 94), que as grandes narrativas devem levar em conta.

Na segunda parte do livro, intitulada de "A modernidade repensada", Rancière concentra-se no equívoco fundamental que a noção de "modernidade" apresenta e que "concerne à própria relação que essa noção estabelece entre uma prática chamada arte e um tempo definido como moderno" (RANCIÈRE, 2021, p. 51). O autor pensa

a Arte como uma configuração histórica que é determinada por um regime de identificação que, ao ser produzida por diferentes técnicas e para diversos fins, é percebida em um mesmo regime de experiência. Cabe destacar que Rancière não está preocupado em um debate acerca da recepção das obras de arte, mas no "tecido da experiência" a partir do qual determinadas obras são produzidas. Para ele, "esse tecido é constituído de instituições – lugares de performances ou de exposições, formas de circulação e modos de reprodução –, mas também por modos de percepção e de afetos" (RANCIÈRE, 2021, p. 52) que dão sentido a esse regime, tornando possível que formas, palavras, imagens, cores ou movimentos sejam sentidos e pensados como "arte".

Compreendendo o modernismo como um "desejo de se adaptar ao novo ritmo do tempo ou de responder a uma exigência da história" (RANCIÈRE, 2021, p. 55), o autor pensa a modernidade como aquilo que vai se apropriar das formas e dos ritmos da vida moderna, de certo modo, e que, por essa razão, as noções de modernidade, modernismo e vanguarda implicam em diferentes temporalidades. Contudo, o tempo não é "a linha que se estica entre um passado e um futuro, é, antes de qualquer outra coisa, uma partilha do sensível e a forma de vida dos que têm tempo e dos que não o têm, como visto na primeira parte do livro. Para sustentar esse argumento da modernidade como um jogo complexo e rodeada de conflitos, Rancière (2021) analisa o filme de Dziga Vertov (1929), *Um homem com uma câmera*. Para o autor, Vertov nos apresenta não somente a articulação do conjunto de atividades que constitui o comunismo como organização política, mas como um tecido da experiência sensível, pois não se vale de uma narrativa que represente personagens ou que conte histórias e não recorre às palavras para narrar a conexão das atividades de uma sociedade capitalista e moderna que "fazem o presente da vida", indo "desde o despertar matinal até os divertimentos do fim do dia, passando pelo trabalho nas fábricas e nas lojas, os transportes e o movimento da rua" (RANCIÈRE, 2021, p. 70). O filme é, desse modo,

a construção de um dia comunista, de forças que se fundem umas nas outras, instaurando um "complexo jogo temporal" na construção de um tempo comum e de um mundo sensível. Detendo-se ao cinema, o autor defende que aquele é "o movimento de todos os movimentos" ao congregar todos os outros movimentos, sejam eles de um regime estético da arte ou do próprio movimento dos corpos, como a dança que ocupa um breve momento do filme de Vertov.

É nesse sentido que, na terceira parte do livro, "O momento da dança", que Rancière se dedica a falar da dança, sem querer propor uma estética da dança, mas compreendendo esta como "um paradigma da arte e da relação entre a arte e a vida", pensando o tempo dessa relação. Para isso, o autor recorre aos gestos do paradigma da arte, que se forma na relação o que pertence e o que não pertence à arte, como, por um lado, a exposição no museu e o anúncio dessa mesma exposição no jornal e, por outro, a relação entre o que é e não é pensamento: "a luz de um quadro, o desenvolvimento de uma melodia ou o movimento de um corpo num espaço" (RANCIÈRE, 2021, p. 91).

O interesse, nesse ponto, não é o que a dança simboliza, mas como ela constrói seus símbolos. Voltando ao filme de Vertov, o autor sublinha que a "performance das três dançarinas no filme de Vertov não é a energia vital da comunidade nova que explode sobre a tela. É uma imagem de movimento que a montagem articula a outras imagens" (RANCIÈRE, 2021, p. 103-104).

Na última parte do livro, "Momentos cinematográficos", Rancière retorna ao debate do cinema para pensar os diversos momentos da própria história do cinema, comentando três filmes de três momentos históricos diferentes e que, de certa maneira, "marcam a história do século XX". Seguindo a análise que o autor faz na terceira parte do livro, o primeiro filme a ser comentado é de Dziga Vertov (1929), concentrando-se na fragmentação e na montagem vertoviana para a construção de um sentido do tempo comum da vida cotidiana através do tempo cinematográfico que homogeneiza e não se preocupa com as dife-

renças e complementariedades, contrapondo-se, assim, à perspectiva de dessincronização dos tempos da montagem entendida por Eisenstein. O segundo filme é de John Ford, *As Vinhas da Ira*, produzido em 1940, com foco no interesse para o tipo de temporalidade na relação "entre a história que o filme conta e a História da qual ele presta testemunho" (RANCIÈRE, 2021, p. 139). O terceiro filme comentado pelo autor é de Pedro Costa (2006), *Juventude em marcha*, que define a era clássica do cinema ao equilibrar uma história linear, mas constituída por afastamentos, e construir com seus próprios meios a realidade de um mundo sensível. Pedro Costa faz, como dito pelo autor em outro momento, do cinema uma superfície que acolhe aqueles que estão à margem dos circuitos sociais e econômicos e, com efeito, se tornam "novas figuras", ao propor "um único e mesmo movimento o cinema do possível e o do impossível" (RANCIÈRE, 2011b, p. 153).

Ao empregarem configurações temporais distintas, esses três filmes, cada um a seu modo, estão atravessados por uma ruptura interna, marcando, no entanto, "um distanciamento do modelo progressivo que a tradição marxista tornou dominante e que frequentemente serviu de critério para julgar a política da arte" (RANCIÈRE, 2021, p. 154). Desse modo, *Tempos modernos: arte, tempo, política* nos ajuda a repensar a relação entre arte, tempo e política e os conflitos que são expostos com o tratamento de diferentes temporalidades, provocando, por assim dizer, repensar a modernidade e a distribuição hierárquica dos tempos e das formas de vida nas grandes narrativas.

Referências

RANCIÈRE, J. O tempo da emancipação já passou? In: SILVA, R. (org.). **A república por vir**: Arte, política e pensamento para o Século XXI. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2011a.

RANCIÈRE, J. **Politiques des films. Dans**: Rancière, J. Les écarts du cinéma. France: La Fabrique Éditions, 2011b.

RANCIÈRE, J. **O mestre e o ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual; tradução de Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

RANCIÈRE, J. **Tempos modernos**: arte, tempo, política. Tradução de Pedro Taam. São Paulo: N-1 Edições, 2021.

Iago Porfírio

Mestre em Comunicação e Cinema pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), em Campo Grande, MS, Brasil, com estágio de mestrado sanduíche pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), em São Paulo, SP, Brasil. Estudante de Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), em Salvador, BA, Brasil, com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Membro do Nanook, núcleo de pesquisa vinculado ao Laboratório de Análise Filmica (LAF/UFBA).

Endereço para correspondência

Iago Porfírio

Rua da Paciência 207, Edifício Mirabella, apto. 101

Rio Vermelho, 41950-010

Salvador, BA, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.